

CONTRIBUIÇÕES ARQUEOLÓGICAS PARA O ENTENDIMENTO DO RACISMO ESTRUTURAL EM PELOTAS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE PESQUISA E EXTENSÃO

ADARA GUIMARÃES DE SOUZA¹; TEREZA CRISTINA BARBOSA DUARTE²;
VANESSA AVILA COSTA³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – adarawork@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – terezacduarte@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho encontra-se inserido no projeto de pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Serão apresentadas reflexões sobre a participação da arqueologia no último encontro do curso de formação para docentes da rede municipal da cidade de Pelotas, intitulado: “Negritudes: Reflexões Sobre Histórias e Cultura Afro-brasileira em Pelotas”. As temáticas discutidas no curso dialogavam com a pesquisa de mestrado da autora principal deste trabalho, que objetiva compreender como a população negra era concebida e, ao mesmo tempo, concebia a cidade de Pelotas, após o momento da abolição. Também, entender como se dá o racismo estrutural nesta cidade, por meio de uma arqueologia documental.

O curso citado trata-se de uma ação de extensão que surge devido à uma demanda apresentada pela a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED). A demanda partiu de reflexões sobre um livro didático específico, que foi confeccionado para ser trabalhado nas salas de aula e que apresentava diversos problemas de concepção quanto a determinadas temáticas relacionadas às populações negras do Brasil. Com isso, foi formada uma equipe que organizaria o curso, na qual as autoras estavam inseridas. A princípio, pensou-se em trabalhar as mesmas temáticas apresentadas no livro, só que de forma mais aprofundada, trazendo para o debate questões sobre história e cultura afro, que discutissem processos passados pelas comunidades negras ao longo do tempo. O intuito foi contextualizar a cidade de Pelotas neste debate, pois cabe reconhecer que, no passado e no presente, esta trata-se de um território negro. O plano de aula e as atividades foram pensadas e elaboradas para tratar questões raciais, propondo atividades que gerassem reflexões sobre a história e cultura afro a partir de outra perspectiva. As temáticas foram ampliadas na versão digital do curso. Buscou-se trabalhar questões sobre branquitude, imigração negra, religiões de matrizes africanas, racismo e educação, racismo estrutural, entre outros. O objetivo do curso era contribuir para ações antirracistas dentro e fora das escolas. Neste trabalho serão abordadas, mais especificamente, reflexões feitas sobre o papel da arqueologia em ações antirracistas e reconstrução das narrativas sobre as populações negras no Brasil, ao longo do tempo.

2. METODOLOGIA

A proposta inicial era de ofertar um curso presencial, com vídeo-palestras e palestras ministradas por convidadas/os que possuem familiaridade com as temáticas de interesse do projeto. Estas vídeo-palestras foram gravadas no ano

de 2019. Devido à pandemia (COVID-19) foi necessário reorganizar o programa do curso, adaptando-o para o sistema remoto. Este, finalmente, contou com oito encontros, por plataforma online, organizados em atividades síncronas e assíncronas, que totalizam 40 horas. Para os encontros assíncronos, foram selecionados temas com base no livro indicado pela SMED, que fazem parte do currículo escolar. Para o cumprimento da carga horária assíncrona, além das vídeo-palestras disponibilizadas online, ainda foram elaboradas atividades para cada temática, que deveriam ser entregues no dia anterior aos encontros. Os encontros síncronos apresentaram palestrantes com reconhecimento nacional e regional, inclusive envolvendo convidados/as do Benin e Haiti.

Para a última aula a equipe planejou que os debates abordariam mais especificamente o contexto local, discutindo tanto o passado, como o presente da população negra na cidade de Pelotas. A organização deste encontro síncrono foi pautada no tema: “Extra! Extra! um negro foi/é encontrado morto em Pelotas - uma análise arqueológica dos jornais pelotenses do século XX”. Sobre a população negra no presente, outra organizadora do evento, Teresa Cristina, apresentou o tema: Racismo, Violência Simbólica e Inclusão: Um olhar sobre a (In) Visibilidade negra na sociedade.

Com a finalidade de entender como opera o racismo nesta cidade, a organização considerou a necessidade de olhar para o passado, a partir de uma abordagem arqueológica descolonial que visa desconstruir narrativas colonialistas. Para tanto, considerou-se interessante examinar como a população negra pelotense foi citada nos jornais do século XX. O enfoque baseou-se na arqueologia documental de Mary Beaudry et al (2007), onde as fontes escritas permitem entender em escala mais ampla o objeto de pesquisa, seja em uma escala macro ou micro. Os dados coletados nos documentos permitem o entendimento das ligações materiais de cada contexto. Concebendo os jornais enquanto cultura material, compreende-se as dinâmicas sociais das comunidades negras em Pelotas. De acordo com Barbosa (2016), pelos jornais consegue-se ver parte do cotidiano das pessoas, segmentos das histórias de vida, desigualdades e performances sociais nas diferentes esferas da sociedade. Os jornais utilizados foram os que circularam após o período da abolição e encontram-se na Bibliotheca Pública Pelotense. A escolha desse período justifica-se pois será possível compreender se os discursos realizados a respeito da população negra, descrita nos periódicos, reforçavam ideias discriminatórias sobre a população em questão. Buscou-se, assim, realizar um mapeamento das práticas cotidianas das comunidades negras no passado.

Nesta última aula foram apresentados pontos importantes que nos fazem entender o racismo na cidade. De início, contextualizou-se historicamente a cidade de Pelotas, a importância dos jornais neste contexto. Logo após, dados de onde e como a população negra aparece nos jornais; como, em sua maioria, elas/es aparecem nas notícias, notas do dia, páginas policiais e obituários. No decorrer da apresentação buscou-se traçar um paralelo com os dias atuais de forma a provocar reflexões. Como exemplo, ao lado de uma notícia do século XX estava uma notícia ou imagens de reportagens recentes sobre a mesma temática. A experiência da organização deste encontro, pensado a partir da amarração entre o tema da pesquisa de mestrado e os debates realizados na ação de extensão, possibilitaram uma gama de reflexões que serão apresentadas aqui.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos principais objetivos ao elaborar o projeto do curso foi o de proporcionar um espaço para problematizar pontos que estão relacionados ao racismo. Durante a realização do curso, observamos que temáticas referentes à

história e cultura afro, que são fundamentais para a compreensão da formação do país, são pouco trabalhadas nas escolas, como: a diáspora africana, o período colonial e o pós-abolição. O curso contribuiu para estes debates.

Destaca-se a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Os debates colaboraram para a formação da equipe enquanto pesquisadoras. Também demonstrou o papel social e ético das pesquisas em arqueologia. Pensar os livros didáticos que vêm sendo produzidos, muitas vezes a partir de concepções arqueológicas tradicionais, faz-se interessante, pois favorece o diálogo e contribui para reflexões críticas sobre os processos históricos que envolvem as populações negras no passado e presente.

Pôde-se conceber a magnitude da ciência arqueológica em buscar transformar seus fazeres de forma a desconstruir pensamentos colonialistas de seus processos iniciais. Um exemplo seria o começo da egiptologia no século XIX, que surge em um contexto imperialista e constrói, através de uma visão eurocêntrica, a ideia de que o Egito não se situa no continente africano, o que é reproduzido nos livros didáticos até hoje. Nesse sentido, buscamos repensar seus pressupostos e refletir sobre a importância das contribuições e das interpretações arqueológicas politicamente engajadas e comprometidas, procurando atender demandas que são levantadas pelas comunidades. Considera-se, assim, que a partir da arqueologia podemos compreender como o racismo opera na cidade de Pelotas, ao longo do tempo.

Buscou-se mostrar, através da arqueologia, que é importante voltar o olhar para o passado, pois é nele que a identidade e estereótipos relacionados às populações negras foram construídos, consolidados e são reproduzidos até hoje. Os jornais mostraram que discursos negativos feitos sobre a população afro-pelotense no século XX, são semelhantes a discursos atuais encontrados em reportagens do século XXI, conforme demonstradas nas atividades de participantes do curso voltadas para a identificação de discursos racistas em propagandas e textos nas redes sociais. Os jornais pelotenses do século XIX mostram que a população negra aparece em páginas policiais, obituários, noticiários, notas do dia e prisão.

Nestas reportagens do passado, a grande maioria traz relatos de violência contra estas pessoas. Elas foram proibidas de praticar sua cultura, religião e suas músicas foram consideradas “sons infernais e atrapalham o sossego das famílias” (15 Março de 1910 - DIÁRIO POPULAR). A justificativa de suas prisões é por estarem tocando samba, os capoeiristas são considerados pessoas desocupadas, se moram em cortiços ou não estão trabalhando, essas pessoas são punidas com “reclusão apropriada” (GILL, 2005). Outro lugar que é interessante de analisar como o racismo operou no passado são os obituários. Eles possibilitam pensar alguns aspectos da vida destas pessoas, pois mostram quais os principais fatores de mortes ligados à população pelotense. Nota-se uma disparidade nas moléstias que afligiam a população pelotense: problemas relacionados ao coração, cérebro e gástricos estavam, em maior concentração, ligados à população branca. Doenças virais, como a tuberculose, problemas intestinais e renais são atribuídas à população negra. Outra percepção é quanto à diferença na descrição das doenças que a população negra e a branca possuíam. O laudo médico aponta que pessoas negras possuíam tuberculose pulmonar, enquanto as brancas, tubérculos pulmonares; pessoas negras sofriam de diarreia e brancas de “dysintéria”.

Mesmo após a abolição, a sociedade conservava firme seu pensamento escravista. A população afro-brasileira era rotulada diariamente por termos pejorativos e discursos de inferioridade. Práticas discriminatórias e genocidas são

reproduzidas ao longo do tempo até a atualidade. Estas acabam ganhando legitimidade por conta de um estado que possui, em sua essência, o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018).

O curso de formação para professores possibilitou diversas reflexões sobre como opera o racismo em nossa sociedade atual, principalmente no ambiente escolar. Foi possível evidenciar que o racismo se reflete nos hábitos, no vocabulário, ou seja, estão incorporados no dia a dia, de maneira consciente ou inconsciente, direta ou indiretamente. A segregação racial e o preconceito seguem fortes em nossa sociedade. Os dados arqueológicos, levantados a partir da arqueologia documental, possibilitaram a compreensão do racismo ao longo do tempo e construíram reflexões sobre o presente das comunidades negras de Pelotas.

A avaliação do curso evidenciou que muitas participantes mudaram concepções sobre cultura e identidade afro, fazendo uma autorreflexão sobre racismo a partir do conceito de branquitude. O amadurecimento da turma foi algo perceptível. Observou-se que algumas participantes repensaram o uso de epistemologias de forma a buscar a relativização crítica (VELHO, 1999) da história oficial, problematizaram os contextos presentes em que vivem e entenderam a importância do respeito para a compreensão das diferentes trajetórias de vidas.

4. CONCLUSÕES

As pesquisas científicas no passado, de áreas como a Arqueologia e a Antropologia, auxiliaram na disseminação e construção de pensamentos eurocêntricos e racistas. Estas tiveram implicações que atingiram (e atingem) diretamente a população negra. Compreendemos que as pesquisas arqueológicas do presente precisam ter relevância para essas pessoas, partindo de uma perspectiva que valoriza as contribuições e a presença das comunidades negras no passado e presente. Hoje, o que cabe à arqueologia é descolonizar a ciência (CABRAL; REIS, 2018), de forma a contribuir para a luta antirracista. Para tanto, a educação se faz peça fundamental. Destaca-se também, o papel da universidade neste processo e as ações de extensão, que configuram-se como espaço fundamental na transformação social pelo diálogo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Polen tradução editoria Ltda, 2019.
- BARBOSA, J. **O pós-abolição no rio de janeiro**: representações do negro na imprensa (1888-1910). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO - Centro de ciências humanas e sociais, 2016.
- BEAUDRY, M. et al. Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social. **Vestígios**: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. v. 1, n. 2, 2007, p. 85-91.
- CABRAL, M; REIS, J. Precisamos falar sobre tempo, cosmologias ameríndias, ontologias e outras... mas, o que é que a arqueologia tem a ver com isso? **Vestígios**: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica Volume 12, Nº 2, 2018.
- GILL, L. A Cidade de Pelotas (RS) e as suas epidemias (1890-1930). **História em Revista**. Pelotas, v. 11, 191-210, dezembro/2005.
- SOUZA, R. Deixe meu cabelo em paz e outros contos da arqueologia do racismo à brasileira. **Revista de arqueologia**, volume Vi33, nº 2, 2020.
- VELHO, G. **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.